

La Comédiathèque

**UM
BOULEVARD**

SEM SAÍDA

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

Um Boulevard Sem Saída

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Fernando e Maria Branco querem casar a sua filha Clara com Gonzalo De la Serra, filho do presidente da câmara que está prestes a ser reeleito. Mas nada acontecerá como planeado...

Personagens:

Fernando Branco

Maria Branco

Clara Branco

Alejandra (ou Alejandro) De la Serra

Gonzalo De la Serra

Inspetor (ou Inspetora) Colomo

Distribuições possíveis:

4H/2M, 3H/3M, 2H/4M

© La Comédiathèque

Num salão de uma casa burguesa numa pequena cidade de província. Clara, uma jovem de cerca de vinte anos, entra de pijama. Ela deixa-se cair no sofá e liga a televisão com o comando remoto. Muda de canal várias vezes até chegar a um telejornal que fala sobre a subida das águas causada pelo aquecimento global. Maria, sua mãe, entra com uma expressão de desastre.

Maria – É uma catástrofe!

Clara baixa o volume da televisão.

Clara – O quê? O aquecimento global?

Maria – Por enquanto, é na nossa casa de banho que a água está a subir! Está a transbordar para o corredor. Não te apercebeste?

Clara – Não...

Maria – Se isto continuar assim, vamos precisar de uma gôndola para nos deslocarmos pela casa.

Clara – Isso vai-te lembrar da tua lua de mel.

Maria – Pois... O teu pai levou-me para um pequeno hotel em Bragança. E já tinha uma fuga na torneira.

Clara – O papá...?

Maria – Está trancado no escritório com o seu urologista.

Clara – E já sabes que quando ele está trancado no escritório com o urologista, não devemos incomodá-lo. Mas pensava que tinham ido de lua de mel a Veneza...

Maria – Isso é o que o teu pai conta. Segundo ele, também me casei de branco na igreja.

Clara – Não é verdade?

Maria – A verdade, querida, é que o papá deixou a mamã grávida, e depois... Enfim, mais uma vez vou ter que fazer tudo sozinha...

Clara – Reparar a fuga?

Maria – Chamar o canalizador!

Maria sai.

Clara (*para o público, com uma expressão terna*) – A primeira coisa que me vem à cabeça quando penso nos meus pais é... (*Abandonando o sorriso*) Como é que podem ser tão idiotas?

Clara aumenta o volume da televisão. Ouve-se o toque de um telemóvel. Clara baixa o volume e atende.

Clara – Secretária da Frente Nacional de Esquerda, diga... Ah, és tu, Sabrina. Sim, sim, não te preocupes, já imprimi os panfletos... OK, os folhetos, se preferires. Tens notícias do Karim? Afinal, ele é o nosso cabeça de lista para as autárquicas. Deixei-lhe várias mensagens, mas... (*O seu rosto congela*) Não... Não pode ser... Ele também! Como é que aconteceu? É horrível...

Maria volta.

Maria – Pronto, já liguei. Mandam alguém dentro de uma hora.

Clara – Desculpa, ligo-te depois...

Clara guarda o telemóvel.

Maria – O que foi? Não te sentes bem?

Clara – Era a Sabrina. O meu amigo Karim morreu ontem à noite num acidente de carro.

Maria – Assustaste-me. Pensei que estavas grávida outra vez ou algo assim.

Clara – Era um amigo muito próximo.

Maria – Sempre achei que não era um rapaz para ti.

Clara – E porquê?

Maria – Para começar... era mais baixo do que tu! Imagina uma vida inteira sem poder usar saltos altos!

Clara – Claro... E além disso, o pai dele é lixeiro.

Maria – E não muito católico, se queres a minha opinião... Devias arranjar-te um pouco, não achas?

Clara – Para quê?

Maria – Para receberes o filho do presidente da câmara!

Clara – Desculpa, tinha-me esquecido. Mas não sei se estou com cabeça para isso.

Maria – Por outro lado, agora já não tens namorado. Estás livre como o ar!

Clara – Gonzalo De la Serra... Mas o que vem ele fazer aqui? Nem o conheço.

Maria – Estiveram juntos na escola, não te lembras?

Clara – Sim, sim.

Maria – Eu, de qualquer forma, se o cruzasse na rua, não o reconheceria. Acabou de regressar de São Francisco, onde estudou.

Clara – Ah, sim, é verdade, deve ter mudado um pouco.

Maria – Não conhece ninguém aqui. Pensei que... É de uma família muito boa, sabes. De la Serra. Isso significa alguma coisa aqui em Vila Nova do Rio.

Clara – Ah, sim. O que significa?

Maria – Mais do que García... ou Ben Ali, pelo menos. Vai chegar a qualquer momento. Não o vais receber assim vestida!

Clara – Está bem, mãe, vou-me vestir.

Clara sai. Maria suspira.

Maria (*para o público*) – Os filhos... Já sabem como são. Felizmente estamos aqui para cuidar do futuro deles... Karim... Se eu mesma não tivesse manipulado os travões do carro daquele desmiolado antes que deixasse a minha filha grávida... (*Com tom confidencial*) Acreditem, eliminar os pretendentes indesejados das nossas filhas continua a ser o método contraceutivo mais eficaz. E pelo menos este não é formalmente proibido pela Igreja.

Fernando entra, a apertar as calças.

Fernando – Olá, querida.

Maria – Ah, Fernando, chamei alguém para aquele problema da fuga.

Fernando – Muito simpático, mas não era preciso. O meu urologista acabou de me examinar.

Maria – Estava a falar da fuga na casa de banho.

Fernando – Ah, sim...

Maria – Tens a certeza de que ele é médico, pelo menos?

Fernando – Porque me perguntas isso?

Maria – Urologistas mulheres não são muito comuns. E além disso, parece mais uma massagista asiática, não achas?

Fernando – Ela pratica medicina chinesa.

Maria – Por isso é que anda de quimono então... Bom, de qualquer forma, já chamei.

Fernando – A quem?

Maria – Ao canalizador!

Fernando – Ah, sim...

O telemóvel de Maria toca.

Maria – Espero que não seja ele a cancelar. Olá! Senhora De la Serra, que alegria ouvi-la. Por favor, é um prazer. Gonzalo? Sim, claro, esperamos por ele a qualquer momento. Mas venha tomar chá, não? Se não estiver demasiado ocupada com esta campanha eleitoral, claro. Muito bem. Então, digamos que melhor venha para o café. Até logo, senhora De la Serra. De acordo. Até logo, Alex... Era a senhora De la Serra. Insiste para que a trate por Alex. Virá tomar café.

Fernando – Excelente ideia, Maria. Num vilarejo como o nosso, é sempre útil manter relações cordiais com o presidente da câmara. A Clara já está acordada? Sei que estamos de férias, mas bom. Como dizia a minha mãe: a manhã pertence a quem se levanta antes do meio-dia!

Maria – Mandei-a vestir-se. O filho dos De la Serra não deve demorar. Convidei-o para vir brincar com a Clara.

Fernando – Gonzalo, sim. Quantos anos terá agora?

Maria – Uns 25.

Fernando – Ah, sim, claro... Deve ter mudado bastante desde os tempos da escola.

Maria – Espero que o canalizador chegue antes dele.

Fernando – Ou que o pequeno Gonzalo não tenha vontade de ir à casa de banho...

Maria – Temos de admitir que seria um bom casamento, não achas?

Fernando – Os De la Serra significam algo em Vila Nova do Rio.

Maria – É o filho do presidente da câmara, afinal de contas.

Fernando – Por enquanto, pelo menos... Estamos em plena campanha eleitoral.

Maria – Os De la Serra são presidentes de câmara em Vila Nova do Rio desde a Idade Média.

Fernando – E os Branco fazem cachimbos desde 1824.

Maria – Não vejo por que razão haveria de mudar.

Fernando – Além disso, o atual presidente da câmara tem um programa eleitoral que tem o mérito de ser claro. Olha, está aqui.

Mostra-lhe um panfleto eleitoral, que Maria lê.

Maria – «Votem De la Serra». Isso é tudo?

Fernando – Não te parece convincente?

Maria – «Votem De la Serra»... Na verdade, soa bem.

Fernando – Mais do que «Votem Branco», pelo menos. Por isso decidi não me candidatar, no final.

Maria – Um dia, será o Gonzalo a herdar o cargo da mãe na câmara.

Fernando – E se a nossa filha casar com ele, será automaticamente a esposa do presidente da câmara.

Maria – Sabes o que me disse o talhante?

Fernando – O quê?

Maria – Parece que desde que voltou dos Estados Unidos, o filho é vegetariano.

Fernando – O filho do talhante é vegetariano?

Maria – O filho do presidente da câmara!

Fernando – Não pode ser.

Maria – Agora, ao que parece, diz-se vegano.

Fernando – Vegano... Parece o nome de uma seita ou de uma civilização extraterrestre...

Maria – Desde pequeno já fazia teatro... A mãe dele é muito religiosa. Aposto que isso a incomoda.

Fernando – Que ele faça teatro?

Maria – Que seja vegano!

Fernando – Desde que não seja terrorista ou homossexual.

Maria – Ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

Fernando – Achas que se pode ser terrorista e homossexual ao mesmo tempo?

Maria – Não sei, nunca tinha pensado nisso. Não, com certeza que não.

Fernando – Terrorista e vegetariano?

Ouvem-se ruídos de obras, como um martelo pneumático.

Maria – Que barulho é esse?

Fernando – As obras do novo boulevard. Deixei uma janela aberta...

Sai por um momento.

Maria – Um boulevard? Em Vila Nova do Rio? É incrível!

O barulho cessa. Fernando volta com um quadro.

Fernando – Um boulevard, imagina! Aqui, em Vila Nova do Rio.

Maria – Isso... Ninguém poderá dizer que vivemos numa simples aldeia.

Fernando – Claro que não. Não conheço nenhuma aldeia que tenha um boulevard, pois não?

Maria – E é o nosso presidente da câmara que está por trás deste projeto. Sem dúvida, é algo que ficará na história.

Fernando – Sim... Especialmente se esse boulevard levar o nome dele.

Maria – Um Boulevard De la Serra?

Fernando – Por que é que o construiriam, se não for para isso?

Maria – Imagina... Se a nossa filha se casasse com um De la Serra... Passaria a chamar-se Clara De la Serra!

Fernando – Tens razão...

Maria – E também teria um boulevard com o nome dela!

Fernando – É a nossa última oportunidade de passar à posteridade, Maria. Por aliança.

Maria – Sem dúvida. Porque um Boulevard Branco não será para amanhã...

Fernando – Não vejo por que razão dariam o nome de um boulevard a alguém que passou a vida a fazer cachimbos.

Maria – A menos que tenha alguns clientes muito bem colocados.

Fernando – E pensar que a minha pobre mãe não poderá assistir ao casamento da neta...

Maria – Pois é... Que Deus a tenha.

Fernando – De qualquer forma, nem sequer temos a certeza de que esteja morta, nunca encontraram o corpo.

Maria – Depois de tanto tempo... Já não tinha toda a cabeça no lugar. Deve ter caído ao rio e afogado-se.

Fernando – Ainda assim... Ninguém desaparece assim do nada... Além disso, esse rio não é muito grande, pelo menos teriam encontrado o corpo.

Maria – Ou talvez tenha sido uma fuga...

Fernando – Uma fuga? Com 92 anos?

Maria – Não sei, talvez tenha conhecido alguém...

Fernando – Tudo isto não faz sentido... A propósito, tenho algo para te mostrar.

Mostra-lhe o quadro, uma reprodução de “A Traição das Imagens” de Magritte (representação de um cachimbo com a inscrição «Isto não é um cachimbo»).

Maria – O que é isto?

Fernando – Isto não é um cachimbo.

Maria – Mas parece bastante...

Fernando – Sim... É desconcertante, não achas? Quero dizer, dá que pensar.

Maria – Pensar? Sobre o quê?

Ele observa o quadro, pensativo, enquanto ela o olha com certa inquietação.

Fernando – Em muitas coisas, Maria! Por exemplo... Já reparaste que quando vês algo pela segunda vez, faz menos sentido do que da primeira?

Maria – Menos sentido?

Fernando – Da terceira vez, menos ainda que da segunda, e assim sucessivamente, até não fazer sentido nenhum.

Maria – Agora que dizes isso... Há mais de trinta anos que te vejo todos os dias e, hoje, pareces-me completamente insensato.

Fernando – Olha, Maria, fiz cachimbos toda a vida... Quantos quilómetros de cachimbos para chegar aqui? Mas será que fiz algo realmente significativo?

Maria – Ainda assim, um bom carinho depois de um dia de trabalho relaxa.

Fernando – Nunca pensei ouvir-te dizer isso, Maria.

Maria – Estava falando de um bom cachimbo...

Fernando – Claro...

Maria – Não sei, se queres dar sentido à tua vida... Faz uma doação à Cáritas. Pelo menos podemos descontá-la nos impostos.

Fernando – Estava a pensar em algo mais radical. Quero deixar uma marca após a minha morte, percebes?

Maria – Mais radical? Estás a assustar-me, Fernando. Não estarás a pensar... explodir-te ou algo do género, pois não?

Fernando – Explodir-me?

Maria – Cometer um atentado suicida, ou uma loucura dessas!

Fernando – Para começar, decidi mudar de vida. Vou deixar tudo, Maria. Isto já não faz sentido para mim. Vou vender...

Maria – Vender o quê? O negócio de família? *O Cachimbo Português*? O orgulho do nosso património regional e a jóia da nossa comuna?

Fernando – Aspiro a outra coisa agora, entendes? No ocaso da minha miserável existência, quero fazer algo inesquecível. Algo que faça o mundo inteiro lembrar-se do meu nome, mesmo depois da minha morte: Fernando Branco.

Maria – E o que vais fazer?

Fernando – Vou escrever as minhas memórias.

Maria – Estás louco!

Fernando – Percebo que não apoias este nobre empreendimento.

Maria – Apoiar? Preferia que te explodisses...

Fernando – Quanto à venda de *O Cachimbo Português*, ainda não há nada decidido, não te preocupes...

Maria – Ainda bem! Primeiro terão de passar por cima do meu cadáver, Fernando.

Fernando parece hesitar perante a ideia.

Fernando – E quanto a este quadro... Podíamos pendurá-lo ali, na parede do fundo. O que achas?

Maria – Na parede do fundo? Mas vá lá, Fernando: Alexandra De la Serra vem tomar café daqui a pouco!

Toca a campainha.

Fernando – Não será ela já, pois não?

Maria – Vou abrir. Esconde imediatamente essa coisa horrível.

Sai. Fernando observa novamente o quadro.

Fernando (*para si mesmo*) – Quanto mais vêς as coisas, menos sentido fazem... (*Para o público*) – A minha mulher, por outro lado, quanto mais a vejo, mais vontade tenho de a matar. Devia ter ouvido a minha mãe... Aliás, não sei porquê, mas tenho a impressão de que a Maria teve algo a ver com o desaparecimento da minha mãe...

Sai levando o quadro. Maria regressa acompanhada de Gonzalo, que veste um macacão que pode parecer infantil ou feminino, mas que também pode lembrar um uniforme de trabalho para alguém tão distraído quanto Maria.

Maria – Obrigada por vir tão depressa. Entre, por favor. O problema é na casa de banho.

Gonzalo – Na casa de banho?

Maria – Cada vez que puxamos o autoclismo, parece as cataratas do Niágara. Não trouxe as suas ferramentas?

Gonzalo – Bem... É que não sabia que me chamava para...

Maria – Não parece muito esperto, jovem. Está a fazer estágio? Faz parte da quota de pessoas com deficiência da sua empresa?

Gonzalo – Não...

Maria – Não me diga que está em reinserção? Acabou de sair da prisão? Matou alguém?

Gonzalo – Ainda não...

Maria – Bem, de qualquer forma, não tenho outra opção. Estou à espera de visitas... Pode dar uma olhada pela tampa a ver o que se passa.

Gonzalo – A tampa?

Maria – A tampa da sanita! Mas o que é que lhe ensinaram na escola, homem de Deus?

Gonzalo – Desculpe, não apanhei a disciplina de canalização em Stanford.

Maria (*com a mente noutra lugar*) – O meu marido deve ter uma chave inglesa por aí. Segue-me?

Gonzalo – Vou tentar...

Maria sai seguida por Gonzalo. Clara entra novamente, desta vez vestida, com um visual algo sensual.

Clara – Achei ter ouvido a campainha... Pensei que era o Gonzalo... Ele acabou de me mandar uma mensagem a pedir para lhe lembrar a morada. Mãe!

Sai. Gonzalo regressa com uma caixa de ferramentas. Encontra Fernando, que aparece.

Fernando – Ah, já estás aqui...

Gonzalo – Bem, eu...

Fernando – Mas essa é a minha caixa de ferramentas!

Gonzalo – É que a sua esposa...

Fernando – A minha mãe sempre dizia: um bom operário nunca anda sem as suas ferramentas.

Gonzalo – Sim, mas...

Fernando – E a canalização? Como vai o negócio ultimamente?

Gonzalo – Pois... Bastante tranquilo.

Fernando – Tranquilo? Exceto por estas obras em frente à casa. E eu, que preciso de serenidade para escrever...

Gonzalo – Que obras?

Fernando – O novo boulevard! Sabes onde vai dar esse boulevard, por acaso?

Gonzalo – Bem... Não faço ideia.

Fernando – É verdade que, para uma aldeia como a nossa, ter um boulevard de verdade é sempre algo positivo. Mas pergunto-me se aquela mulher não o estará a construir apenas para lhe pôr o nome dela.

Gonzalo – Tenho a certeza de que a Senhora Presidente da Câmara nunca se permitiria...

Fernando – No fim de contas, mais vale ter o teu nome numa placa de boulevard do que num monumento aos mortos, não achas?

Gonzalo – Com certeza... Pode dizer-me onde fica a casa de banho? Acho que a sua mulher...

Fernando – Também gostaria de deixar uma marca após a minha morte... Mas como não tenho a sorte de ter um título nobiliárquico... Olha, estou a escrever um livro.

Gonzalo – A sério?

Fernando – Gostarias de ler o primeiro capítulo?

Gonzalo – Bem, por que não? Embora...

Fernando – Quero dizer, se agradar a um canalizador, pode ser um sucesso popular, não achas?

Gonzalo – Sim, suponho... Embora dependa do tema...

Fernando – Na verdade, são... as minhas reflexões sobre o mundo de hoje.

Gonzalo – Ah, claro...

Fernando – Por exemplo, jovem amigo, descobri uma verdade que poucos conhecem.

Gonzalo – Estou curioso para ouvi-la...

Fernando – Então aqui vai. Os políticos, tanto de esquerda como de direita, falam do Povo Português. Que o povo quer isto, que não quer aquilo. Mas, afinal, o que é exatamente o povo?

Gonzalo – Sim... O que é?

Fernando – Meu pobre rapaz, o povo não existe!

Gonzalo – Não?

Fernando – O povo somos tu e eu.

Gonzalo – Claro...

Fernando – O Povo Português não é mais do que a soma de todos os idiotas que há na rua. E nas estradas, quando estão a conduzir.

Gonzalo – A sério?

Fernando – É evidente! Acredita em mim, rapaz, na minha vida conheci muita gente. Vi muitos idiotas, mas nunca me cruzei com o Povo Português. E quero partilhar essa experiência com os meus leitores, percebes?

Gonzalo – Bem, quer dizer...

Fernando – Na minha idade, sinto a necessidade de transmitir às gerações jovens o que a vida me ensinou. Fazer com que beneficiem da minha experiência, percebes?

Clara entra e vê Gonzalo.

Clara – Gonzalo? Mas o que fazes com essa caixa de ferramentas?

Gonzalo – Não tenho bem a certeza... É que a tua mãe...

Fernando – Gonzalo? Conheces este jovem, querida?

Maria entra.

Maria – Gonzalo, estou realmente confusa... Pensei que fosses o canalizador... Deve ser por causa desse macacão. A minha filha acabou de me dizer que...

Gonzalo – Não faz mal, não se preocupe. De qualquer forma, quer que dê uma olhada à sua casa de banho?

Maria – Por favor, nem pensar! Fernando, pelo amor de Deus, guarda essa caixa de ferramentas...

Fernando – Já vou... Mas, rapaz, não te esqueças do que te disse.

Fernando sai com a caixa de ferramentas.

Maria – Desculpa o mal-entendido, a sério... Queres beber alguma coisa, Gonzalo? Um sumo de laranja? Uma limonada?

Gonzalo – Não, obrigado, estou bem.

Maria – Bom, crianças... Vou deixar-vos... Certamente têm muitas coisas para conversar... Depois de tanto tempo...

Gonzalo – Sim, já lá vão quase quinze anos, não é?

Maria – Deixo-vos...

Maria sai. Silêncio incómodo.

Gonzalo – Desculpa, foi a minha mãe que insistiu para que eu viesse.

Clara – A última vez que te vi, estavas de vestido.

Gonzalo – Ah, sim?

Clara – Foi na peça de final de ano na escola. Romeu e Julieta. Faltavam raparigas. Tu fazias de Julieta. Continuaste?

Gonzalo – Pois, não... Já vê. A minha mãe queria ver-me de batina, mas no final optei pelo macacão. É preciso saber fazer compromissos...

Clara – Referia-me ao teatro...

Gonzalo – Também o deixei. Por enquanto...

Clara – E tiraste um mestrado em negócios nos Estados Unidos.

Gonzalo – Era o que a minha mãe queria... Já estava bastante dececionada por eu não ter entrado no Grande Seminário. E tu?

Clara – Estou matriculada em Direito. Mas, na verdade, estou a preparar a revolução nacional anticapitalista e ecologista.

Gonzalo – Ah, isso também é bom.

Maria entra com uma bandeja com dois copos, uma garrafa e um prato.

Maria – Trouxe-lhes algo para petiscar. Chouriço português. Como o teu amigo vem dos Estados Unidos, imagino que há muito tempo que não come.

Gonzalo – De facto...

Maria (*com um ar cúmplice*) – Vou deixar-vos...

Novo silêncio incómodo.

Clara – Desculpa a minha mãe.

Gonzalo – Não, não, foi muito simpático da parte dela.

Clara – Vá lá, não tenhas vergonha. Come um pouco de chouriço.

Gonzalo – Obrigado, mas... sou vegano.

Clara olha para ele de olhos arregalados.

Clara – És gay?

Gonzalo – Também há veganos heterossexuais.

Clara – Não veganos que vestem vestidos, vão estudar para São Francisco e voltam com um macacão.

Gonzalo – Por isso não percebi bem quando a tua mãe insistiu para que eu viesse cortejar-te.

Clara – São ainda mais tolos do que eu pensava.

Gonzalo – Bem, então, o que fazemos?

Clara – De qualquer forma, parece que não vamos ficar noivos já, como sonhava a minha mãe. De qualquer modo, é melhor para ti, porque todos os meus namorados têm morrido ultimamente de forma violenta. Este mês já perdi quatro. Djamel, Kevin, Carlos e agora Karim...

Gonzalo – É incrível... E como morreram?

Clara – Envenenamento, eletrocussão, acidente de carro, mordedura de escorpião... Começo a acreditar que sou uma mulher fatal.

Gonzalo – Mais uma razão para não me aproximar demasiado. Mas acho que devo ficar um pouco. A tua mãe não entenderia.

Clara – Vamos para o meu quarto, jogamos um jogo de tabuleiro. Tens alguma preferência? Xadrez, Monopólio? Não te proponho uma partida de damas...

Gonzalo – Tens um Scrabble?

Ambos saem. Maria entra.

Maria – Já foram para o quarto... Isso é um bom começo. Imagino que em casa dos De la Serra, quando um rapaz engravida uma rapariga, pelo menos tem a decência de casar com ela...

Toca a campainha.

Maria – Desta vez deve ser o canalizador. Eu vou...

Maria sai e regressa acompanhada do Inspetor Colomo, que traz uma espécie de mala com alça.

Maria – Venha por aqui... Mostro-lhe onde fica a casa de banho?

Colomo – A casa de banho? Talvez mais tarde... Inspetor Colomo, da Polícia Criminal Municipal.

Maria – Inspetor?

Colomo – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas relacionadas com uma investigação...

Maria – Lamento muito, Inspetor... Pensei que fosse o canalizador... Talvez por causa da sua mala de ferramentas. Posso oferecer-lhe um café?

Colomo – Obrigado, mas nunca tomo café durante o serviço. Mas se tiver whisky...

Maria – Um whisky, perfeito.

Colomo – Sem gelo, por favor.

Maria – Trago já, Inspetor.

Maria sai. O Inspetor aproveita para observar a sala com suspeita.

Colomo – Este interior de pequena burguesia não me inspira nada de bom. Desconfio muito das classes médias. Segundo as estatísticas, há mais assassinos em série entre estas pessoas do que entre milionários ou beneficiários de apoios sociais. Pelos vistos, matar por prazer é uma distração reservada para quem tem dinheiro suficiente para ter tempo livre, mas não tanto para saber onde gastá-lo. Enfim, vejamos como está o whisky...

Maria regressa com um copo e entrega-o.

Maria – Aqui está, Inspetor Columbo. Sem gelo.

Colomo – Colomo.

Maria – Perdão?

Colomo – Inspetor Colomo, não Inspetor Columbo.

Maria – Ai, desculpe.

Colomo – Obrigado.

Bebe o copo de um só trago e faz uma careta de desgosto.

Maria – Quer que traga outro, Inspetor?

Colomo – Não, obrigado. Acho que teria sido melhor tomar café, afinal. O café aqui é bom?

Maria – Em que posso ajudá-lo, Inspetor?

Colomo – Bem, é um assunto um pouco delicado... Trata-se... de um crime, minha senhora...

Maria – Já sabe do Karim?

Colomo – Karim? Não... Quem é Karim?

Maria – Desculpe, é a emoção. Disse Karim sem pensar. Foi o primeiro nome que me veio à cabeça. Talvez por causa da expressão...

Colomo – Que expressão?

Maria – "O Karim não paga". Quer dizer, "o crime não compensa". Mas então, quem morreu, Inspetor?

Fernando entra e ouve as últimas palavras.

Fernando – Alguém morreu?

Colomo – Efetivamente, meu caro senhor... Ou, mais precisamente, faleceu, como dizemos na nossa gíria policial.

Fernando – E qual é a diferença?

Colomo – Digamos que "faleceu"... é mais definitivo que "morreu"... Pelo menos, mais oficial.

Maria – Poderia ser mais específico, Inspetor?

Colomo – Veja bem. Ao escavar os alicerces para as obras do novo boulevard, os operários encontraram um cadáver.

Maria – Um cadáver! Ai, meu Deus...

Colomo – Ou, mais exatamente, um corpo...

Fernando – Um corpo? Refere-se a um corpo... morto, suponho?

Maria – Um cadáver, claro.

Colomo – É um pouco mais complicado do que isso, na verdade.

Maria – Mas, afinal, do que está a falar, Inspetor?

Colomo – Minha senhora, falo daquele vazio que as pessoas falecidas deixam ao desaparecer.

Fernando – Sei bem do que fala, Inspetor, acredite. A minha mãe desapareceu há pouco tempo, e é verdade que deixou um grande vazio atrás de si.

Maria – Encontraram um cadáver, sim ou não?

Colomo – Digamos, mais precisamente... uma marca.

Fernando – Como assim, uma marca? Como se pode encontrar uma marca a escavar alicerces?

Maria – E deduzir que é a marca de um morto?

Fernando – Não faz sentido!

Colomo – O que acontece é que, neste caso, trata-se de uma marca grande. A de uma mulher, aparentemente. Uma mulher corpulenta. Sim, isso mesmo: a marca do corpo de uma mulher corpulenta.

Maria – E o que o faz pensar que se trata de um crime?

Colomo – Acredite, pela experiência sei que raramente alguém se suicida deixando-se enterrar voluntariamente num bloco de cimento com uma chave de fenda cravada entre as omoplatas.

Fernando – É incrível... Um cadáver num bloco de cimento, em Vila Nova do Rio. Mas, onde é que vamos parar, Inspetor? Não estamos em Chicago, pelo amor de Deus!

Maria – Até agora, era uma vila tranquila.

Fernando – Pergunto-me se realmente é uma boa ideia construir um boulevard aqui.

Maria – E qual é a identidade da vítima, Inspetor?

Colomo – A Polícia Científica Municipal está a trabalhar nisso, mas ainda não sabemos ao certo. De facto, essa é a razão da minha visita.

Maria – A sério?

Um silêncio.

Colomo – Há quanto tempo não vê a sua mãe, senhor Branco?

Fernando – Desapareceu há alguns anos.

Maria – No Dia da Mãe, para ser exata. O meu marido já tinha comprado o ramo de flores. No final, deu-mo a mim. Por sinal, foi o único ramo de flores que me deu em toda a sua vida.

Fernando – Nunca encontraram o corpo. Pensámos que podia ter sido um acidente. Talvez um afogamento...

Maria – Ou uma fuga voluntária.

Fernando – Devo entender, Inspetor, que... foi a minha mãe que encontraram, enterrada num bloco de cimento com uma chave de fenda cravada nas costas?

Colomo – É difícil dizer por enquanto... Mas permita-me fazer-lhe uma pergunta.

Maria – Estamos totalmente dispostos a colaborar com a polícia, Inspetor.

Fernando – Na nossa família, colaborar com a polícia sempre foi considerado um dever sagrado. Mesmo nos momentos mais turbulentos da nossa história.

Colomo – Além do desaparecimento da sua mãe, senhor Branco, notou o desaparecimento de uma chave de fenda na sua caixa de ferramentas?

Fernando – Depende. Era uma chave de fenda cruzada?

Colomo – Afirmativo.

Fernando – Pois sim, há pouco, ao guardar a caixa de ferramentas que a minha mulher tinha entregue ao canalizador – que afinal era o filho da presidente da câmara – notei que faltava uma chave de fenda. Uma chave de fenda cruzada, precisamente.

Colomo – Pois bem, senhor Branco, creio poder afirmar que essa chave de fenda cruzada foi o último sacramento da sua mãe.

Maria – Ai, meu Deus, que horror! Que terrível! Coitada da minha sogra...

Colomo – Alguém na sua família tinha motivos para desejar a morte da sua sogra, senhora Branco?

Maria – Olhe, Inspetor... É uma família como qualquer outra. Nesta casa, todos queremos matar alguém pelo menos uma vez por dia. Então, a uma sogra, já pode imaginar...

Fernando – Têm um retrato-robô da vítima?

Colomo – Tenho algo muito melhor, acredite...

Colomo abre a caixa e tira um busto com uma chave de fenda cravada na parte de trás.

Maria – O que é isso?

Colomo – Um molde.

Fernando – Um molde?

Colomo – Ou melhor, um preenchimento, como dizemos na nossa gíria policial.

Fernando – Um preenchimento?

Colomo – Digamos que preenchamos o vazio que a sua mãe deixou ao partir. Claro, se for mesmo a sua mãe...

Fernando – Um preenchimento? Como em Pompeia?

Colomo – Só que, neste caso, em vez de lava, foi cimento que cobriu o corpo antes de se mamificar.

Maria – Quer dizer... mumificar, certo?

Colomo – Os peritos da polícia de Vila Nova do Rio simplesmente injetaram gesso no molde. Naturalmente, é um modelo reduzido.

Maria – De qualquer forma, parabéns! É um trabalho muito bem feito, não é, Fernando?

Colomo – Este busto parece-lhe familiar?

Fernando – É difícil dizer... Nunca tinha visto um busto da minha mãe antes.

Colomo – Bem, não quero pressioná-los... Entendo que estejam chocados. Levem o tempo que precisarem. Se se lembrarem de algo...

Maria – Quer dizer que... nos vai deixar com esta coisa horrível?

Colomo – Não se preocupem, não é uma peça única. Fizemos vários exemplares para a investigação.

Fernando – Se for mesmo a mamã, pelo menos teremos uma recordação dela, não achas, querida?

Colomo – Não precisam de me acompanhar, conheço o caminho.

Colomo sai pelo lado oposto ao que entrou. Fernando e Maria observam o busto, perplexos.

Fernando – Parece-se muito com a minha mãe, não achas?

Maria – Achas?

Fernando – Viste? É impressionante! Parece que nos está a olhar e quer dizer-nos algo.

Colomo regressa pelo lado contrário.

Colomo – Desculpem, acho que a saída é por aqui... A propósito, descobri algo que pode interessar-lhes...

Fernando – Sim?

Colomo – Têm uma fuga na casa de banho.

Colomo sai.

Fernando – Há algo... no nariz... Não achas?

Maria – Sim, talvez...

Fernando – É incrível... Parece que está a olhar para ti.

Toca a campainha.

Maria – Espero que desta vez seja o canalizador.

Fernando coloca o busto num móvel, bem visível, e observa-o.

Fernando – Mamã, queres dizer-me algo?

Maria entra com Alejandra De la Serra (uma mulher nesta versão, embora pudesse ser um homem chamado Alejandro).

Maria – Fernando! A senhora De la Serra está aqui.

Fernando – Senhora Presidente! Não a esperávamos tão cedo.

Alex – Desculpem, mas tenho alguns compromissos esta tarde. Como estava a visitar as obras do novo boulevard, aproveitei para passar e cumprimentar rapidamente.

Fernando – É muito bem-vinda ao nosso humilde lar, senhora!

Alex – Espero não estar a interromper, pois não?

Fernando – De forma alguma! Tínhamos convidado para o chá, mas se não for para o café, será para o aperitivo.

Maria – Fernando, vai buscar algo para beber.

Alex – Muito amável, mas tenho uma reunião da câmara municipal daqui a uma hora. Se chegar com um ou dois copos a mais...

Maria – Por favor, sente-se. Certamente tem cinco minutos, pelo menos.

Sentam-se.

Alex – Há muito tempo que queria conhecê-los. É verdade, cruzamo-nos no mercado de vez em quando, sobretudo em épocas de eleições, mas nunca conversámos. Tenho entendido que fazem cachimbos.

Maria – Sim, bem, principalmente o meu marido.

Fernando – Os Branco fazem cachimbos de geração em geração desde 1824.

Alex – Uma tradição familiar, sem dúvida. O meu filho Gonzalo está aqui, não está?

Maria – Sim, está com a minha filha. Acho que estão a jogar Scrabble...

Fernando – Estudou negócios, não é?

Alex – Teria adorado que seguisse o sacerdócio... Ele mencionava isso quando tinha treze ou catorze anos. Estava muito próximo do nosso pároco. Mesmo antes de esse santo homem ser subitamente transferido para outra paróquia por ordem do bispado.

Fernando – Pensa-se em abraçar o sacerdócio e, às vezes, só se acaba por abraçar o pároco...

Maria lança um olhar fulminante a Fernando.

Maria – De qualquer forma, estamos encantados que o Gonzalo se dê bem com a Clara.

Alex – Sim, eu também. Sobretudo porque ele não costuma relacionar-se muito com raparigas... Às vezes, perguntamo-nos se não será um pouco...

Maria – Tímido. Sim, de facto, foi essa a impressão que me deu. Quando chegou, tomei-o por canalizador e ele não teve coragem de me corrigir.

Fernando – A propósito, parabéns pela construção do boulevard, senhora presidente. Não tínhamos nenhum em Vila Nova do Rio até agora.

Alex – Sim, é verdade. Podemos dizer que era uma falta importante. Um boulevard, afinal, é o que distingue uma grande vila de uma pequena cidade.

Fernando – E se bem percebi, como o boulevard vai invadir um pouco o nosso jardim, também será a nossa nova morada.

Maria – É verdade! Estou curiosa para saber qual será essa nova e prestigiosa morada. Já têm um nome para o novo boulevard, senhora presidente?

Alex – Bem... O meu primeiro adjunto sugeriu: Boulevard Alejandra De la Serra.

Maria – Ah, sim. Tem um bom som para nome de boulevard, não acham?

Fernando – Ter um boulevard com o teu nome, e ainda em vida... Eu contentava-me com uma rua.

Maria – Ou até um beco. Beco Fernando Branco. Também soa bem.

Alex – Estamos em campanha eleitoral. Se contribuíssem para o financiamento da nossa campanha, quem sabe? Poderíamos considerar dar o vosso nome a um beco sem saída. Por serviços prestados à comuna.

Fernando – A sério fariam isso?

Alex – Dependerá do valor do cheque, evidentemente. Que tal uma alameda ou um passadiço?

Fernando – Não sabia que estavam a construir novas ruas em Vila Nova do Rio.

Alex – Sempre se pode renomear uma rua pequena que tenha o nome de algum herói que há muito tempo todos esqueceram. Afinal, é preciso viver com os tempos, não acha?

Fernando – E quanto custaria que o meu nome estivesse numa praceta?

Alex – Meu Deus...

Toca o telemóvel de Fernando.

Fernando – Desculpem um momento. Sim... Sim, *O Cachimbo Português*, sou eu...

Fernando sai.

Maria – Não sei se devo falar disto agora, mas... temo que o meu marido esteja prestes a cometer uma grande loucura.

Alex – Não se preocupe. Se estão um pouco apertados de dinheiro, por menos de 10.000 euros posso conseguir-lhe uma medalha militar.

Maria – Ah, não falo disso. Infelizmente, é muito mais grave...

Alex – Está a traí-la?

Maria – Suspeito que tem um caso com a sua urologista, que por acaso é asiática. Mas não é esse o perigo amarelo que me preocupa.

Alex – Não tenho a certeza de querer ouvir isto... Não prefere confessar-se? Os padres adoram este tipo de histórias picantes...

Maria – Fernando quer vender *O Cachimbo Português* ao desbarato!

Alex – A sério?

Maria – Pergunto-me até se os chineses não estão por trás disto. Essa gente está em todo o lado. Compram os nossos aeroportos, os nossos bares, os nossos vinhedos... Mas não lhes deixaremos o emblema do nosso artesanato nacional: *O Cachimbo Português*!

Alex – Esse patriotismo é admirável, Maria, mas o que se pode fazer?

Maria – Não sei... Talvez devêssemos avisar a polícia... Pedir a sua interdição... Ele tem um testamento a meu favor, mas se mudar de ideia...

Alex – Uma interdição não é assim tão simples, sabe disso.

Maria – É verdade que ficar viúva seria muito mais fácil... Não poderíamos pedir aos nossos serviços secretos que eliminassem o meu marido por razões de Estado, como já fizeram tantas vezes no passado? Estamos a falar do património industrial de Portugal!

Alex – Falarei com o chefe da polícia municipal, prometo.

Maria – Obrigada, senhora presidente.

Alex (*olhando para o busto*) – É curioso... O que é esta estátua? Parece estar a olhar para nós, como a Mona Lisa. É algum antepassado seu?

Maria – A minha sogra...

Alex – A sério? É muito estranho ter um busto da sogra em casa, não acha?

Maria – Sim... Também sonho em ter um do meu marido.

Fernando regressa.

Alex – Ah, estávamos mesmo a falar de si... A sua mulher dizia-me que está a pensar deixar a sua atividade. Seria uma grande perda para a comuna. O cachimbo de Vila Nova do Rio é famoso em todo o mundo e contribui para a reputação da nossa encantadora cidade.

Fernando – Infelizmente, os negócios já não são o que eram.

Alex – Já encontrou um comprador?

Fernando – Ainda não. Os cachimbos artesanais não interessam aos fundos de investimento americanos, sabe...

Alex – É verdade, mesmo que apostássemos nas novas tecnologias, seria difícil vender uma fábrica de cachimbos como se fosse uma startup.

Fernando – Os cachimbos portugueses não se exportam bem. E tudo o que está relacionado com fumar tem má fama. Se tiver alguma ideia para aumentar as vendas...

Alex – Não sei... Que tal um cigarro eletrónico em forma de cachimbo?

Maria – Isso sim é uma ideia! Não achas, Fernando?

Alex – Bem, tenho de deixá-los...

Fernando – Já? Queria mostrar-lhe a minha coleção privada.

Alex – Uma coleção de quadros?

Fernando – A minha coleção de cachimbos!

Alex – Mostra-me os seus cachimbos noutra ocasião, caro senhor Branco. Tenho de ir. Não posso fazer o meu conselho municipal esperar. Mas... pense na minha pequena proposta.

Maria – Acompanhamos a senhora até à porta...

Os três saem. Gonzalo e Clara regressam.

Clara – E agora, o que planeias fazer com o teu mestrado em negócios? Trabalhar para o Grande Capital?

Gonzalo – Não. Decidi aceitar-me, finalmente.

Clara – Vais assumir-te?

Gonzalo – Vou inscrever-me numa escola de teatro.

Clara – Ah, isso sim é forte...

Gonzalo – Pergunto-me como é que a minha mãe vai reagir.

Clara – Como reagiu quando lhe disseste que eras vegano?

Gonzalo – Ainda não tive coragem de lhe dizer.

Clara – De qualquer forma, convenceste-me. Nunca mais vou comer carne na vida.

Gonzalo – Os matadouros são campos de extermínio, criados por uma raça humana que se proclama superior. Os carnívoros são os nazis de hoje.

Clara – Tens razão...

Gonzalo – Se te interessar, faço parte de um grupo que organiza ações contra quem maltrata os animais.

Clara – Ações violentas?

Gonzalo – A violência é a que esses nazis exercem sobre os nossos amigos animais.

Clara – Vou pensar... Mas tenho uma visão mais global dos problemas do mundo. Estou no Frente Nacional de Esquerda.

Gonzalo – Os vitelos e as galinhas precisam de nós, Clara.

Clara – E os operários também, Gonzalo. São ovelhas que obedecem aos cães por medo de serem devoradas pelos lobos.

Gonzalo – Se o homem quer deixar de ser um lobo para o homem, primeiro deve renunciar a exercer a sua violência contra os animais.

Clara – Hitler era vegetariano. Isso não me dá muito otimismo.

Fernando regressa com Maria.

Maria – Gonzalo! A tua mãe esteve aqui há pouco. Não me digas que também te vais embora já?

Gonzalo – Voltarei, querida senhora... Nem que seja para a desforra.

Fernando – A desforra?

Gonzalo – A sua filha ganhou-me ao Scrabble. É muito boa, sabe?

María – Fica para almoçar connosco. Depois do almoço, podes falar de negócios com o meu marido. Entre homens. Fumando um bom charro... Perdão, um bom charuto.

Fernando – Ou, melhor dizendo, um bom cachimbo.

María – Tu estudaste negócios, e o Fernando precisa de ideias frescas para relançar *O Cachimbo Português*

Gonzalo – Muito amável da sua parte, mas não queria incomodar.

María – Oh, às quintas não complicamos. É o dia de folga da empregada. Então, às quintas, é carne fria para todos.

Gonzalo lança um olhar significativo a Clara.

Gonzalo – Talvez noutra ocasião.

María – Desculpa, não me lembrava de que eras vegano. Mas posso preparar-te outra coisa, se preferires.

Gonzalo – Não se incomode por mim.

María – Uma salada, então? Comes salada, certo?

Clara – Mãe...

Fernando – Pelo menos divertiram-se?

Clara – Conversámos. O Gonzalo convenceu-me a tornar-me vegana. Ele tem uma teoria muito interessante sobre isso. Basicamente, considera todos os carnívoros como nazis.

María – Ora, interessante...

Clara – Acompanho-te, Gonzalo...

Gonzalo e Clara saem.

Fernando – Pergunto-me se esse rapaz é uma boa influência para a nossa filha, afinal.

María – Preferias o tal do Karim?

Fernando – Não, claro que não. Aliás, há muito tempo que não o vemos, não é?

María – E não o vais ver mais, acredita em mim... Sabias que a Clara se filiou no Frente Nacional de Esquerda?

Fernando – Não te preocupes. Isso passa-lhe... Todos queremos mudar o mundo quando temos vinte anos.

María – Eu não... Sonhava ser Miss Espanha.

Fernando – Pelo menos conseguiste ser Miss Vila Nova do Rio.

María – A sério que estás decidido a fechar o negócio?

Fernando – Até coloquei um anúncio no jornal para anunciar o encerramento. Enquanto não encontro comprador. *(Entrega-lhe um jornal)* Lê.

María *(lendo)* – *O Carinho Português. Saldos de verão antes da mudança de proprietário.*

Fernando – O Carinho? *(Pega no jornal para verificar)* Que chatice... Deve ser um erro tipográfico.

María – Ou um lapso revelador...

Fernando – Não vejo outra solução para evitar a falência. E já não tenho vinte anos...

María – Mas se a Clara casar com o Gonzalo... Ele estudou numa grande escola de negócios nos Estados Unidos. Deve estar à procura de trabalho e talvez tenha ideias para relançar... *O Carinho Português.*

Fernando – Achas?

María – Por que pensas que arranjei este casamento, então?

Fernando – Já não está feito, não é?

María – Não sei porquê, mas sinto que este casamento será um sucesso.

Fernando – A intuição feminina, suponho... Bom, vou procurar onde pendurar este quadro.

Fernando sai. María fica cara a cara com o busto da sogra.

María – Não precisas de me olhar assim, está bem?

Coloca um lenço sobre o busto. Clara regressa.

María – Então, querida, como foi?

Clara – O quê?

María – Com o Gonzalo! É muito educado, não achas? E bastante bonito.

Clara – Sim... Mas é gay.

María – Gay...? Não queres dizer que...?

Clara – Mãe, ele é homossexual.

María – Como assim, homossexual?

Clara – *Homossexual!* Não há muitas maneiras de o ser. Ele gosta de rapazes, entendes?

María – Não te precipites, querida. Entendo que estejas um pouco desiludida, mas... Ninguém é perfeito. Prefere rapazes? Tudo bem. Mas isso não significa que não goste de raparigas, pois não?

Clara lança à mãe um olhar que deixa claro que não há esperança e sai.

María – Ai, meu Deus... O filho da presidente da câmara... Homossexual...

Toca a campainha. María vai abrir e regressa com Colomo.

María – Inspetor Columbo... Não esperava vê-lo de volta tão cedo. Na verdade, ainda não estamos completamente certos de que este busto seja realmente o da minha sogra.

Colomo – Infelizmente, minha senhora, as análises são conclusivas. Trata-se da sua sogra. Parece que esta notícia a afeta muito...

María – Não, não é isso... Quer dizer... Ainda estou em choque. O homem que escolhi para a minha filha é homossexual, percebe? (*Ouve-se o bip de uma mensagem no telemóvel.*) Desculpe-me (*Olha para o telemóvel*) Este telefone não para de tocar. Toda a gente quer saber a morada de *O Carinho Português*. Desta vez era o treinador de uma equipa de futebol que quer oferecer uma a cada jogador se ganharem o campeonato.

Colomo – Os negócios parecem estar a melhorar.

María – Que Deus o ouça, Inspetor, porque nestes últimos anos... Tirando algumas esposas exemplares que quiseram oferecer uma ao marido no Natal... (*Toca a campainha*) Desculpe-me mais um momento, Inspetor.

María sai. Colomo olha para o jornal.

Colomo (*lendo*) – *O Carinho Português*... Sim... Acho que este telefone não vai parar de tocar...

Alejandra entra furiosa, seguida por María.

Alex – Isto é um escândalo! Como puderam? E o seu marido, que até há pouco dizia que queria financiar a minha campanha...

Fernando entra.

Fernando – Senhora Presidente? O que aconteceu? Parece zangada...

Alex – O que aconteceu? O que aconteceu? Acabei de saber que a sua filha se candidata contra mim nas eleições municipais! É isso que aconteceu!

María – Clara? Mas como é possível? Deve ser um erro...

Alejandra põe um panfleto à frente do rosto de María.

Alex – Aqui, leia... Clara Branco, é ou não é a sua filha?

Colomo (*olhando para o panfleto*) – Ah, sim, de facto... E após a morte dos quatro primeiros candidatos da oposição, Djamel, Kevin, Carlos e Karim, ela está agora à frente da lista!

María – Ai, meu Deus, se eu soubesse...

Colomo (*lendo*) – «Contra as manobras da atual presidente, Senhora De la Serra, votem no Frente Nacional de Esquerda, Anticapitalista, Ecologista e Vegano.» Sem dúvida, têm um programa muito abrangente...

Maria – Isto não pode ser! Tínhamos proibido terminantemente que ele se metesse em política. Não percebo nada, garanto-lhe.

Alex – E pensar que esta mesma manhã ainda conspiravam para casar a sua filha com o meu filho Gonzalo...

Maria – Mas estas acusações são absolutamente ridículas, não são, Inspetor?

Colomo continua a ler o panfleto.

Colomo – Segundo as declarações da candidata da oposição, parece que o Boulevard De la Serra não leva a lugar nenhum...

Alex – A oposição... Nunca ninguém até agora se atreveu a opor-se à dinastia municipal dos De la Serra. Para mim, isto não é oposição, é uma rebelião.

Fernando – Em qualquer caso, a julgar pelo massacre que afecta os candidatos da lista oposta, não parece uma boa ideia enfrentar-vos, minha querida senhora...

Alex – Está a acusar-me de assassinato? Isto é calúnia, Inspetor! Manobras vis para manchar o meu nome e o da minha família!

Colomo – De facto, este boulevard termina no rio, num local onde não há nenhuma ponte.

Alex – Mas isto é um absurdo! Desde quando é que um boulevard tem de levar obrigatoriamente a algum lado?

Colomo – Tem toda a razão, senhora presidente da câmara. Mais ainda, atrevo-me a dizer: uma obra de arte tem de servir para alguma coisa? Claro que não! É isso que a torna grandiosa!

Alex – Tira-me as palavras da boca, Inspetor Columbo.

Colomo – Não se preocupe, senhora presidente da câmara. Abriremos uma investigação meramente formal para agradar aos seus adversários, e este caso será encerrado rapidamente. Se todos os boulevards tivessem de levar a algum lado, para onde iríamos?

Alex – Obrigada, Inspetor. Confio na justiça do meu país. E especialmente na polícia do meu município!

Fernando – De qualquer forma... Um boulevard que termina num rio não faz sentido... É curioso, faz-me pensar que esse rio também não tem nome.

Alex – Perdão?

Fernando – O Rio de Vila Nova do Rio! Não tem nome. Caso contrário, a nossa cidade não se chamaria Vila Nova do Rio, mas sim...

Maria – É verdade. Além disso, nem sequer sabemos para onde vai esse rio.

Alex – Agora querem sugerir que este rio também não leva a lugar nenhum?

Colomo – Conhecia o rio sem retorno, mas o rio sem saída...

Maria – Há que admitir que ninguém nunca soube para que grande rio este devia desembocar... Daí a deduzir que o rio que atravessa Vila Nova do Rio é simplesmente um canal...

Fernando – Um canal escavado por um antepassado da Senhora De la Serra para dar um ar de respeitabilidade a esta vila desfavorecida...

Alex – Mas diga alguma coisa, Inspetor!

Colomo – Este caso é visivelmente complexo. Pergunto-me se, neste ponto, não deveríamos falar de uma conspiração.

Alex – Uma conspiração para me desestabilizar, evidentemente. Para impedir outro triunfo da família De la Serra nas eleições municipais. Um boulevard sem saída... Isto é absurdo!

Colomo – No que toca aos boulevards, senhora presidente da câmara, se me permite, creio que esta comédia em si não vai a lugar nenhum. Conhece o autor?

Alex – A verdade, não...

Colomo – Também investigarei isso. Não podemos deixar que um lunático assim ande à solta. Entretanto, para tentar revitalizar esta história que começa a estagnar, recomendo-lhe dar uma olhadela a este artigo recente.

Alex olha para o jornal que Colomo lhe entrega.

Alex – *O Carinho Português...* Como? Um bordel em Vila Nova do Rio?

Colomo – É verdade que isso também faltava à nossa grande vila para se transformar numa pequena cidade.

Alex – E vocês, par de proxenetas? O que têm a dizer sobre isto?

Maria – É mais um mistério que não consigo explicar, Alex...

Alex – Chame-me Senhora Presidente da Câmara, por favor. Não quero ter nada a ver com um casal de proxenetas. Uma casa de alterne! E no Boulevard De la Serra, ainda por cima!

Maria – Lamento muito... Deve ser um mal-entendido...

Alex – Vão ouvir falar de mim, garanto-vos. E quanto às vossas manobras grosseiras para atrair o meu filho aos braços da vossa filha desgarrada, acreditem: enquanto eu viver, jamais um De la Serra casará com uma Blanco! Nem com uma vermelha, já agora...

Fernando – Acompanho-a até à porta, minha querida senhora.

Alex sai, seguida por Fernando.

Colomo – Os pretendentes da sua filha que morrem em circunstâncias suspeitas, a sua sogra que aparece dentro de um bloco de cimento... Definitivamente, acontecem coisas muito estranhas em Vila Nova do Rio, não acha?

Maria – Meu Deus, não dou por isso... Estranho, comparado com o quê, Inspetor?

Colomo – Encontrámos as suas impressões digitais na cena do crime.

Maria – As minhas impressões digitais? No cabo da chave de fendas? Mas tive o cuidado de limpá-la, como fazem os culpados nos filmes policiais.

Colomo – Não na chave de fendas, minha cara senhora. *(Mostra-lhe uma foto)* Estas impressões digitais no bloco de cimento, que na altura ainda estava fresco. A marca de toda a sua mão.

Maria – Vai prender-me, Inspetor?

Colomo – Não se preocupe, minha cara senhora. Conheço demasiado bem a prisão, porque já estive lá. Não queria infligir-lhe essa experiência.

Maria – É um verdadeiro cavalheiro, Inspetor. *(Aproximando-se dele, coquete)* Como poderia agradecê-lo?

Colomo – Com 10.000 euros em notas pequenas e usadas, por exemplo.

Maria *(desapontada)* – Está bem...

Colomo – Não é barato, claro. Mas, ao que parece, é mais ou menos o preço de uma medalha militar no mercado negro...

Maria – E, com um pequeno extra, poderia assegurar-se de que o meu marido venha a falecer brevemente de morte natural?

Colomo – Por que não? Faço pequenos trabalhos fora do horário de serviço. Faço-lhe um orçamento.

Maria – É sempre mais tranquilizador lidar com um profissional.

Colomo – Nem sempre fui polícia, sabia? Estou em processo de reintegração.

Maria – Não sabia que recrutavam ex-presidiários na polícia.

Colomo – Na polícia municipal não são tão exigentes. Espero que isso não a incomode...

Maria – Depende. O que fez para ir parar à prisão?

Colomo – Era canalizador...

Maria – Isso já é motivo suficiente para prender alguém. Mas, nesse caso, tenho outro pequeno favor a pedir-lhe, Inspetor. *(Elevando a voz)* Fernando, vai buscar as tuas ferramentas!

Maria sai com Colomo. Clara volta com Gonzalo.

Gonzalo – Acho que o nosso casamento está definitivamente condenado. Desde que a minha mãe soube que te candidataste contra ela nas eleições, para ela os Blanco e os De la Serra são piores que os Capuletos e os Montecchios.

Clara – Vejo que Romeu e Julieta ainda te fazem sonhar... Disseste à tua mãe que querias fazer teatro?

Gonzalo – Sim.

Clara – E o que disse?

Gonzalo – Que preferia que eu fosse homossexual.

Clara – Então, nem tudo está perdido.

Gonzalo – Pergunto-me como terminará esta comédia.

Clara – Sim, eu também.

Gonzalo – Devíamos poder perguntar ao autor.

Clara – Mas imagino que ele não se atreveu a vir assistir à peça.

Gonzalo – Acho que é melhor irmos embora. Com um pouco de sorte, os poucos espécimes do Povo Português que estão nesta sala perceberão que isto acabou.

Clara – Eu já sabia. Este boulevard não tem saída...

Saem.

Música de encerramento.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-297-5

Documento para download gratuito